

AMAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

N.º 24 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 94

Guimarães, 11 de Junho de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade—FAPE

Parece=lhe?

Pois a mim parece-me o contrario. Não nos dirá o escriba que foram os republicanos quem matou Ribeira Brava nem negará que foram os monarchicos os auctores dos vergonhosos crimes aqui no norte praticados a quando dos celebres 25 dias.

Pondo de parte os assassínios premeditados da «Leva da Morte»—não se lembra?—que em hellon-lez excederam tudo quanto a antiga musa canta e apreciando apenas o que se passou para o norte do Douro eu poderia tapar a boca ao escriba hipocrita que com tanto impudor zomba da verdade.

Quantos crimes, quantos vexames e atrocidades não sofreram os republicanos nesse curto prazo de restauração monarchica!... Não se lembra?

Mas lembro-lh'o eu, e para ter a certeza de que o avanço é a expressão da verdade, dê-se o X ao trabalho de interrogar as victimas— as que ainda vivem— dos maus tratos dos trauliteiros do Porto. São muitas; facil lhe è encontrar algumas.

Mas não querendo fazer isto, pense, ao menos, um pouco naquela brusca viagem do Sidonio á cidade invicta e da resolução que tomou de soltar os presos. Porque seria? Que fraqueza de memoria a deste senhor X...

E, se sabe lêr, procure aquela ordem do valiente Solari Alegro, então ministro do reino, em que se recomenda ao comandante de certa cofuna monarchica que empregue

violencias até no ultimo extremo contra os contrarios á... causa. Não sabia?

E se a verdade alguma consideração lhe merece—do que duvidamos—deve procurar no Porto certa costureira que foi levada para o Eden e ali infamemente violentada por essa malta de sicarios sem lei nem honra. Também não sabia? Pois, sabe-o agora.

E por esta amostra não levará a mal que eu trate de bandidos os que tais actos cometeram e assim ainda os canalhas que de armas aperradas obrigaram varias pessoas indefezas a dar vivas á monarchia.

Por esta amostra já o illustre monarchico verá que em falso campo se meteu e que melhor faria se estivesse calado.

Todavia se isto não basta, que o escriba o diga. Eu não vejo dificuldade em trazer para aqui novos factos que bem demonstrem a má fé com que escreveu e a falta de escrúpulos que põe na sua argumentação, factos esses que provando a indignidade dos que os praticaram, afirmarão também a insensatez daqueles que pretendem defendê-los.

Foto-Eléctrica Moderna

O seu proprietario participa aos seus clientes e amigos a abertura do novo atelier na Avenida Candido dos Reis, a todos pedindo uma visita á nova instalação, pronta desde já a satisfazer a todos os requisitos da arte fotografica, desde a miniatura ao tamanho natural.

RIDENDO...

Desta vez o «Ecos» não está lá com meias aquelas. E' de escahu. O sr. L. de S. vem magnifico. Aqui o sim. Porque isto de ser exímio, não é só nas juras e nos juramentos. Também se pode ser no jornal. E o sr. L. de S. é— com todas as letras. E' exímio na arte de atirar para a rectaguarda com as pontas mais baixas do corpo.

O que vale é que o sr. Afonso Costa conhece bem os pulhas e talentos que lhe a saltaram a casa, e emporcalharam, como porcos que são, os vestidos de noivado da propria filha.

Mas a culpa das suas burrices e asneiradas sr. L. de S não é sua, não. Aos que como o sr. procedem, mas que são irracionais, costumam—e prendê-los mais curtos.

Se a Republica, por meio das suas autoridades, assim lhe fizesse, o sr. não distenderia tanto os musculos das pernas.

O das «distracções» também se atira.

Mas, oh, seus pandegos isto do insulto individual também vale? O catecismo monarchico ensina preceitos desses, e tem semelhantes ditames?

Eu não sabia que a monarchia tendo-nos legado uma situação financeira cheia de adeantamentos e muito adeantados, também tivesse deixado para vosso uso um manual de civilidade em que são abolidas as boas maneiras e o respeito ás pessoas.

O sr. Alvaro de Castro também come da estilha dos «Ecos». Mas isso é crime. Como a governar pretos mostrou ter merecimento, pretendem gosar da pipi. E com o preto também ser gente, os monarchicos da força dos que apresento também o querem ser.

Aquele «Gil» traçou a direito pela asneira e jurou ao seu D. Nuno e á Dona Aldegundes que ha-de continuar. Lá traz o Candido, o impagavel Candido. Os senhores conhecem-o? Pois conheço-o eu. E' padre e abade. E' dos tais mitros que confundem Evangelho com politica e ajudam á tremenda salganhada com que os monarchicos pretendem salvar o paiz. Este é intrigalista, e como tal apolo-gista do cacete e da força. Um

Jucta

*Dorme a noite encostada nas collinas.
Como um sonho de paz e esquecimento
Desponta a lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram vales e campinas...*

*Mas a mim! cheia de atracções divinas,
Dá-me a noite rebate ao pensamento.
Sinto em volta de mim, tropel nevoento,
Os Destinos e as Almas peregrinas!*

*Insondavel problema!... Apavorado
Recua o pensamento!... E já prostrado
E estúpido á força de fadiga,*

*Filo inconsciente as sombras visionarias,
Enquanto pelas praias solitarias
Ecoa, ó mar, a tua voz antiga.*

Antero de Quental.

grande apostolo da paz e do amor, não acham?

Diz ele que *trabalhem e oremos*. Mas ha quanto tempo andam a orar? Está aqui está a fazer um seculo que perderam a malga. Se assim continuarem, gastam os labios a orar e... ficam a mascar em seco como até agora.

Uma coisa peço ao sr. Lucas. Não pare com essa coisa de se atirar aos marcelistas. Isso mesmo, porque não sabe o quanto nos ajuda. Chegue-lhe, chegue sempre, não desanime, nem se me faça lucas.

Se è verdade o que diz o sr. Ponte e Sousa, estamos arranjadinhos. Vem aí a Junta Central do Integralismo, vem por aí abaixo e estamos fritos. Até os trauliteiros de triste memoria serão considerados uns anjos. Aquilo è que vai ser. Não fica pedra, sobre pedra, e o menos que poderá acontecer, è ficar tudo Papo Seco.

Junho de 1923.

LÉDECÊ.

*Os catholicos não podem
hoje pegar em armas contra
a Republica sem desobediencia ao Papa.*

Mayer Gergão.

Condecoração de Infantaria 20

A convite do illustre Comandante deste Regimento, reunião na terça-feira, 29, as associações de Guimarães e representantes da Imprensa no quartel de Infantaria 20, tendo presidido o Ex.º Sr. Coronel Julio Lage que expoz o fim da reunião: revestir o acto da aposição das insignias da Cruz de Guerra de 1.ª classe á bandeira de Infantaria 20, da maior importancia.

A esta reunião assistiram a autoridade administrativa, representante da Camara Municipal, Arcipreste de Guimarães, Associação Commercial, um representante do nosso Liceu, Sociedade Martins Sarmiento, Academia, Escola Primaria Superior, correspondentes dos jornais diarios e representantes da Imprensa local.

O Ex.º Sr. Capitão Duarte Fraga, expoz os seus trabalhos e conferencias realizadas em Lisboa sendo certa a vinda do Ex.º Ministro da Guerra para fazer a oposição.

Todos os presentes louvaram a acção dos distintos officiais de Infantaria 20, prometendo toda a coadjuvação para que a solemidade revista o maximo brilhantismo.

Na ultima quarta-feira realçou-se uma reunião para se resolver a questão de alojamentos.

A crise da habitação

M. há já algum tempo, num importante jornal, que o governo inglês tentava apresentar ao Parlamento do seu país um projecto para construção de casas baratas, segundo o qual, aquele governo propunha o seguinte:

Primeiro, que o Estado contribuisse anualmente, por um período de 20 anos, com certa quantia por cada casa que se destinasse a operários. Segundo, que se autorisassem as autoridades locais a fazerem adiantamentos a todas as entidades que quisessem construir edificios para a classe média, no valor máximo de mil e quinhentas libras.

Ora em Portugal a crise da habitação tem dado lugar a que, quem não possui um tecto para se accher, passe pelos momentos mais dolorosos. E tal o desespero que a falta de casas provoca, passa-se por tal sofrimento para se arranjar uma arruinada cabana, noutra qualquer país condenada a servir de estabulo, que não nos admiraremos se qualquer dia um ou outro mortal endoidecer ou se suicidar, desesperado por não ter onde se abrigar.

E neste país, chegou-se ao cúmulo. Porque o prédio não rende a desejada e fabulosa quantia, ou porque o seu proprietario, nadando em dinheiro, precisa de guardar meia dúzia de velhissimos frastes que adornaram o primitivo casebre em que viveu e que são indignos de figurarem no seu actual palacete, onde os lustres lançam luz a jorros, chegou-se ao extremo inbecil e criminoso de se conservar as casas fechadas.

Ora isto succede em Portugal, porque cá não há pulso, não há autoridade. Porque se houvesse força e se a politica não se metesse de permeter em tudo, abatendo as mais nobres e generosas medidas, só porque era esse o desejo dos seus donos, não haveria uma unica casa capaz, por habitar. E isto não pode ser, não pode continuar assim. Se não é justo, se não é logico que a minoria dê ordens, mande, governe, tambem não é legítimo,

não é compreensivel que a maioria se imponha a minoria.

Nós não concordamos com a exigua renda, por vezes ridicula, que muitos inquilinos pagam ainda pelas casas em que vivem, acolhendo-se á protecção da lei do inquilinato. Mas tambem não concordamos com as rendas fabulosas exigidas aos que trabalham, aos que se esfolham para obterem o pão do dia seguinte: E não admitimos nenhum destes pontos, porque aborrecemos, porque repudiamos toda a diladura, qualquer que seja a sua caracteristica, qualquer que seja a sua origem. E tudo isto não é mais que uma diladura.

Qual a forma pois, adequada á resolução do problema. Além das que apresentamos a principio, surge uma. Parece-nos que, desejando o governo, poderíamos assistir á construção de casas, não só para classe operaria, como ainda para a classe média. Bastava apenas que ficassem isentos de qualquer contribuição durante um certo numero de anos, todos os prédios construídos para aquelas classes num período determinado, mais ou menos longo.

Se isto se fizesse, natural era que o grande capitalista, em vez de empregar os seus capitais em papeis estrangeiros, os applicasse na grande obra que é preciso realizar em materia de edificação. E' necessario construir para ver se em Portugal se começa enfim a viver em casas e não em esbrecarias.

H. C.

Foto-Elétrica Moderna

O seu proprietario participa aos seus clientes e amigos a abertura do novo atelier na Avenida Candido dos Reis, a todos pedindo uma visita á nova instalação, pronta desde já a satisfazer a todos os requisitos da arte fotografica, desde a miniatura ao tamanho natural.

E COS

Um distraindo...

Encontramo-lo no ultimo numero do «Ecos».

— Da pelo nome de V. M. mas, não temos a... homa de escrever. — Pelos ares o sujeito é maluco e d'as más extravagâncias «Distrações».

— Sem mais nem mais convidamos para uma «bisca da» e dá como trunfo a *Dama de Espadas* quando afinal era um pau e, para mais, o azo!

— Uma simples e peidavel distração.

— Seguramente desata a dizer volheis, pore o dedo no anz do copas, perdão, no g'lhio, dispara uma espada de dois canos e derruba os redactores do «Gil Vicente» apczar de liquidados ha muito.

O pobre parvo lembra-me o Raulinho que com uma pistola de dois anos matou uma creança de dois canos...

Este maluco, porein foi mais longe um bocadinho: desatou a falar em tações tortos e chinelas, o que me faz crer que devia ter sido *sapateiro* e d'ali em vez de dar artigo de jornal deu *bota e jôgo* para, inclusivé, lhe cortarmos os trunfos!

Que fazer-lhe?

Sacadura e Coutinho, ex-pontes máximo da gloria moderna de Portugal estão a dar contas ao mundo civilizado da sua façanha sublime, do seu arrojado invencível, da sua força de vontade que vem de de Afonso I, por D. Pedro, D. João I, e seus filhos, Vasco da Gama, Pombal e Mousinho até nós.

Entretanto os monarchicos que vivem em Portugal continuam na sua campanha de descredito contra a Republica e contra a nossa Patria. Contra te?

Não. Apenas o ladrar miseravel do rafeiro contra as estrelas brilhando impertubaveis.

Parece que sim...

O congresso eucaristico em Braga realisou-se na melhor ordem tendo fechado com uma procissão a que concorreram milhares de pessoas. Senhores monarchicos portugueses, podeis dizer-nos onde está a presumida perseguição da Republica ao catholicismo?

Senhores catholicos portugueses, não será melhor pôr de parte as cantilenas monarchicas que são exclusivamente hipocritas, e fazerdes a politica religiosa dentro das leis do regimen?

Nós e o «Comercio»

Todo se melindrou o colega porque na secção «Ridendo» foi uma vez atingido. Afirmou que só discutia no campo doutrinario. Pois bem; ao artigo aqui publicado sob o titulo *Monarquia e Religião*, nem tugio nem mugio. Será porque as verdades são duras? Talvez.

Sentido da Vida

(Continuação do n.º 21)

Concluindo: precisamos de moderar as paixões impetuosas ou impedi-las mesmo de nascer; atenuar as consequencias do prazer e da dor, fazendo-lhe com que a tempo ança — uso regular e legitimo da sensibilidade — não nos apresente a vida como gozo ou pesado fardo, visto que o prazer é um meio e a dor uma actividade desviada do seu fim.

E aconselhando-vos a moderação, eu que sempre tenho sido um rebelado reconheço-a indispensavel e imprescindivel, tanto mais na gravidade da hora que atravessamos, hora indecisa e ao mesmo tempo de esperança, hora em que a nossa Patria — território, raça, lingua, religião e comunhão de sentimentos e vontades — se prepara para iniciar o grande vôo que, transposto o abismo cavado a seus pés, conduzi-la-ha

para a mais sublime das glórias — a immortalidade.

Daríeis assim um exemplo da compreensão dos deveres que vos impuzeram, e mais do que isso, um exemplo da abnegação que vos adexa, visto que é estímulo para os que se julgam vossos maiores — maioríssimos pelo muito ouro que possuem — ensinando-lhes a amar a Patria ciosa de se nos seus destinos, ensinando-lhes a amar os seus filhos que são eles, que sois vós.

E postes os potentados em cheque desta maneira, as grilheas quebrar-se-hão facilmente, os vossos espiritos recuperarão a calma absoluta e a luz da liberdade de deixar de vos cegar, abrindo-vos bem os olhos para, na observação compreenderdes a vida, quer na sua relatividade quer na sua parte hipotetica.

FIM.

L. C.

NAS BOCHECHAS

O dia de ontem ficará brilhando a caracteres indeleveis e aureos na historia do Porto, como uma das paginas de mais fulgor. Era tempo. Bastava de perseguições, represálias, coacções e sobresaltos. A Imprensa, neste agressivo reinado de três semanas, tudo foi imposto sob a ameaça mais violenta: desde a abstenção do mais simples comentario ao esclarecimento de uma attude. Encheram-se as priões de republicanos, agrediram-se e prisioneiros, as alteraram-se edificios, destruiu-se e vexou-se, e tudo nos era vedado dizer, pelos homens que em nome da «Junta Governativa» se formada, davam ordens terminantes e opressivas. Chegou-se a este excesso de liberdade: os jornais iam á censura e eram obrigados a preencher os claros que ella lhe fazia, a fim de que o publico tivesse a impressão de que tudo corria no melhor dos mundos e a censura era um mito.

Este naco de concludente prosa extraino-lo do numero do «Jornal de Noticias» que se refere á queda do reino da traulitania. E', como os leitores podem vêr, o maior elogio funebre que á causa pôde dedicar um jornal que lhe foi

sempre dedicado e taoto que foi tido como órgão couceirista. Testemunho de valor por vir de onde vem, de per si ele prova a diferença que vai entre o regime em que estamos e a quele que quizeram impôr-nos e as veigas interções dos farçantes que teimam em apresentar a Republica como alfôbre de tiranias ou tribunal de Inquisição.

E' o desmentido formal ao trabalho de sapa dos trapaceiros que, sem cunho nem perfil, se escondem no anonimato para mais á vontade despejarem sobre a turba despercebida as suas acusações mentirosas, tomando as funções de juizes, quando só deviam occupar o mûcho dos réus.

E, alem de tudo isso, é, sobretudo, a pintura exacta não só do que foi o reinado couceirismo, mas do que seria qualquer traulitania, se possível fosse implantá-la de novo entre nós. Não tenham duvidas. Se tal fosse possível, repetir-se-iam as perseguições e as represálias, as violencias e as coacções, reeditar-se-iam todas essas «liberdades» de que fala o «Noticias» e que são a maxima aspiração de alguns sebastianistas afeminados.

Se tal fosse possível, renovar-se-iam as mesmas torturas inquisitoriais, o mesmo beneditismo ascoroso, o mesmo ni-guelismo de triste memoria — porque hoje um trôno entre nós só pode subsistir, ainda que por pouco tempo, á custa do crês ou morres das oligarquias arbitrarías.

Dória.

As Escolas Primárias na Exposição Industrial

A ARTE NA ESCOLA

Para um bom ensino dos trabalhos praticos de labores e manuais nas nossas escolas primarias, torna-se mister que aos alunos se ministre o ensino do desenho — desenho livre e intuitivo — e se lhes forneça o indispensavel material. Sem estes elementos não pode esperar-se que o ensino dos labores e trabalhos manuais seja integral e perfeito. Simultaneamente a juntar a estes elementos basicos de instrução pratica, indispensavel — é absolutamente indispensavel — que o mestre-escola tenha alguma bagagem teorica e pratica de metodologia e processologia do ensino destas disciplinas.

Ora sucede que o professorado primario, menos por culpa sua que das escolas de habilitação que os formou, não tem os sufficientes materiais de conhecimentos para fazer um regular ensino dos trabalhos de labores e arte applicada. Contudo nenhuma disciplina é mais agradável ao aprendizado da criança que aquella onde o aluno interessa naturalmente as suas faculdades emotivas e perceptivas. Deem-lhe um lapis de cor, um bocinho de barro se pudesse ver uma caixa de materiais Dreoblianos e ele produzirá em arte e em beleza o que longas tiradas de lições teoricas não conseguem jamais.

Quem nega isto? Ninguém. Nem as proprias leis do ensino. Os trabalhos manuais, todos o sabem, são o melhor vehiculo para a educação dos sentidos.

E' pois consolador para o nosso espirito saber que o professorado primario do concelho vai concorrer, por si e pelos seus alunos, ao proximo certamen expositivo. Por si, por que exaltam a Escola e o magisterio; pelos seus alunos, por que vão produzir em beneficio dos mesmos uma lição e um exemplo salutar.

Vai por sua vez o publico desta terra ver potenciado o erro daqueles que, furtando as crianças á frequencia das escolas officiais primarias sob pretexto de que nelas se não ensinam labores, as levam para essas *mestrinhas* onde nunca o ensino pode corresponder ás regras duma sã pedagogia — a despeito da boa vontade de quem o ministra. A resolução do professorado primario em fazer na grande galeria de agosto um mostruário do trabalho dos seus alunos foi aquella que mais se impunha á nossa simpatia, porquanto de ha muito que vimos pugnando, dentro das comissões de assistencia escolar por onde temos passado, para que seja em realidade e em verdade um facto — o ensino dos trabalhos praticos.

Não será — e não há o direito de o exigir! — uma exteriorisação plena e de folgo aquilo que vamos ver exposto na galeria dos trabalhos das escolas. Sim — e que não há um curso regular e sistemático nesta matéria do ensino e, como já dissemos, *menos por culpa dos professores que da confusão, do relaxamento official com que correm as coisas do ensino publico primario!* Será, todavia, um ensaio; e tam eliquente que, estamos certos, ele abrirá clareiras e revelará vontades que serão optimos estímulos para se intensificar o ensino dos labores e trabalhos manuais nas nossas escolas tam desprotegidas. E, para fechar, nada melhor que estas palavras dum eminente educador: — *quando a plaina e a lima junto do comparso, da carta geografica e da historia, tenham tomado o seu lugar e que eles sejam objecto dum ensino racional e sistematico, muitos prejuizos terão de desaparecer.*

A. L. DE CARVALHO.

A ferro e fogo (Monologo)

Teatro da Vida. Recinto espaçoso e repleto. Hora marcada. Alguns acordos... Sob o pano. O actor, figura insinuante, põe distincta e á vontade, sorriso para a assistencia que o mira e reclinada boamente imprecionada. De subito, o semblante do artista toma ares de profunda gravidade e começa:

Um sinistro clarão de pavoroso incendio se alastra, lambendo — á medida que as lab-

redas crescem — as pacificas sombras que vão restando, que são ainda como que uma garantia da tranquillidade social.

Multidões de oprimidos vão postar-se á volta dessa fogueira-monstro, alimentando-a, na louca esperança de que só pelos seus efeitos demolidores verão satisfeitas as suas acalentadas aspirações.

E as multidões deliram! E em fremitos de revolta, ameaçadoras, ouvem-se assim vociferar: —

Burgês! tu não tens o direito de viver na opulencia enquanto que nós sucumbimos aos estragos das mais horrendas privações. Não temos conforto no

o pão é escasso, faltando-nos em absoluto quando dêle mais carecemos — na doença e na velhice. Na doença, nem os hospitais, agora, nos podem abrigar por falta de recursos, deploravel situação que outra coisa não é senão o abandono a que os votastes, numa inconsciencia pasmosa que nos enche de indignação. Tu, burguês, no parafio dos teus palacios, orgulhosos e confiado no poder de ouro, não ouves o rumor da tem estade que se aproxima; e se algum bocinho do que sobra dos teus banquetes, porventura dás, só o fazes áqueles que, numa humilhação degradante, se te aproximam como escravos.

Não! Nós não queremos seres privilegiados. A ostentação do teu luxo é um escarneo, uma afronta á nossa miseria. — Ouve: Se a organização da actualidade é obra dos homens, nós outros, unido-nos em grande força, podemos derubar essa obra, já que um meio de conciliação não é possível.

A lucta terá de ser o ferro e fogo?

Sangrenta? Que importa, se temos a certeza do triunfo.

Conquistaremos, assim, o lugar que, como homens, devemos, sem favor ocupar na terra; e, deste modo, jamais as rodas dos teus automoveis, misero burguês, tocarão num só dêdo dos nossos filhos.

Terciveis imprecções, na verdade pouco tranquilisadoras. Males de que a sociedade enferma e que, quem deve, não pensa curar, num albeamento condenavel do perigo que se avizinha.

Ouro, muito ouro! Luxo! Prazer!...

Que p. de a justiça dos homens perante a força dos nossos cofres?

Que vale o Tribunal da Consciencia se o não recorremos?...

Fome, miseria, desonra, prostituição? tudo isso é uma mentira. Mentira é a propria vida, por efemera.

Que pretendem, pois, os outros de nós se nós dêles nada pretendemos?!

Cuidado, grandes senhores! Ainda é tempo de reflectir. Se não evitaes o embate — os rumores o dizem — êle será a ferro e fogo.

O actor foi primoroso, impecavel, mesmo, na lição; porem, não logra aplausos, porque a assistencia, sentindo frio o ambiente, occupou-se a enterar a carapuça, enquanto o pano desce.

Maió de 1923.

João José.

SHELL

A melhor gasolina

Falecimentos

Armindo Vilaça

Faleceu na passada semana o Ex.^o Sr. Armindo Vilaça, estremo pai do nosso querido amigo e assinante, sr. Tenente R.úl Vilaça, dignissimo comandante da secção da G. N. R. desta cidade.

A «Razão» envia ao nosso amigo as suas sinceras condolencias.

Francisco Martins Fernandes

Tambem faleceu na semana finda, o conceituadissimo negociante desta praça, Ex.^o Sr.

Francisco Martins Fernandes, bondoso pai dos nossos particulares amigos, snrs. Domingos Martins Fernandes, Caritão Martins Fernandes e Dr. Alberto Martins Fernandes, dignissimo sub-delegado de saúde desta cidade.

A familia enlutada, os nossos sentidos pêsames.

Antonio de Freitas Costa

Tambem faleceu, no dia 1 do corrente, o Ex.^o Sr. Antonio de Freitas Costa, natural desta cidade.

Em especial ás suas irmãs, apresenta a «Razão» as suas condolencias.

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES

DE

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de produtos quimicos e especialidades farmaceuticas; solutos esterilizados, cuidadosamente doseados.

Aviamento escrupuloso do recettuario medico e com produtos escolhidos recebidos directamente do estrangeiro.

GRANDE STOK DE ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.

Posto de socorros: Mutualidade Portuguesa e Trabalho

Officina de vassouras e escovas de piassaba e espanadores de cabelo

DE

Clementino Machado

Mêdêlo — F A F E

Concerta só as vassouras fabricadas nesta officina

SO — Praça de D. Afonso Henriques — 20

Matos, Teixeira & Ca

Estabelecimento de Fazendas Brancas e Milhagens

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucçsores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97
GUIMARÃES



Casa das Novidades

Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 folhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

GUARDASOLARIA VIMARANENSE

DE--

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 -- (Junto ás escadarias)

Deposito de guardasois e chapéus. Concertam-se os mesmos
Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a
Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da Republica, 144 -- GUIMARÃES

Ferragens, Cutelarias e Pentes
DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas
LANIFICIOS

Antiga Merceria e Confeitaria
DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Saneiro

21, Rua da Republica, 28 -- GUIMARÃES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, velos, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre 3750 centavos
Numero avulso 320 . . .

Anuncios e comunicados, contracto especial

Ao Cidadão